

A fantasia nazista do Príncipe Harry – um breve olhar psicanalítico

Antônio Luiz Pereira de Castilho

Bacharel em Direito. Pós-graduando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Palavras-Chave

Nazismo – Identificação – Psicologia das massas – Civilização – Pulsão de morte

A indignação pública ao uso de fantasia nazista pelo príncipe britânico Harry convida-nos a uma abordagem psicanalítica, através dos conceitos de identificação, psicologia das massas, civilização e pulsão de morte.

Jacques Lacan, em 1956, referir-se-ia à obra de Freud *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) como “descoberta sensacional”¹ antecipatória das organizações fascistas que a evidenciaram. É notável que a Psicanálise tenha proporcionado um referencial teórico instigante na reflexão do totalitarismo, revelando-nos um *reverso* insupestado pela Ciência Política e saberes afins.

O ano de 2005 marca os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, e os quarenta anos da morte de Winston Churchill. Esses marcos recentemente receberam curiosa reverberação: o episódio do uniforme nazista usado pelo Príncipe Harry em uma festa.

O fato tornou-se escândalo não apenas pelo motivo óbvio: a ofensa à Humanidade perpetrada pelo nazismo, que jamais deverá fugir de nossa memória. Ao lado disso, uma outra face revela-se pela cruel ironia que cristaliza.

Grã-Bretanha e nazismo parecem ser simbolicamente incompatíveis. A razão disso é que por ocasião da Segunda Guerra Mundial, com seu declínio imperial já em curso, o país reinventa sua identidade nacional justamente através da oposição, resistência e vitória final sobre o nazismo. Redesenha sua auto-imagem substituindo a de *império onde o sol nunca se põe* pela de *ilha heróica*, último reduto da liberdade européia durante a guerra. Mesmo isolado, o Reino Unido não se rendeu, contribuindo decisivamente para a salvação do mundo ao verter seu *sangue, suor e lágrimas*. O país saiu do conflito rebaixado à posição de potência secundária e coadjuvante, mas totalmente restaurado em termos identificatórios como *nação fiel depositária* do conceito de *civilização*. Essa “nova” Grã-Bretanha angariou internacionalmente profundo respeito, sincera gratidão e imensa simpatia, num arco histórico que vai de Churchill aos Beatles, e que de certa forma perdura até hoje. Ainda que recentemente tenha surgido uma mancha: o apoio de

¹ LACAN, J. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. *Escritos*, 1998, p. 478.

Blair a Bush e a cumplicidade de ambos na mentira sobre as armas de destruição em massa no Iraque.

Por isso é espantoso que toda essa extraordinária herança histórico-cultural, objeto de justo orgulho para seu povo, não se faça presente como *background* nos atos de Harry. Educado em Eton, seu problema não foi desinformação. O jornalista Marcos Guterman² fala da simpatia nazista de Eduardo VIII, tio-bisavô de Harry, e de uma suposta declaração de Churchill de que preferia o nazismo ao comunismo. Tudo isso para identificar uma trilha nazistóide histórica no seio da realeza e na elite política inglesa, o que deveria esvaziar a surpresa quanto à fantasia de Harry. Já o historiador John Lukacs registra justamente o contrário (!) quanto a Churchill. No Parlamento, em 1937, Churchill diria: “Não fingirei que, se tivesse de escolher entre o comunismo e o nazismo, escolheria o comunismo.”³ E em 1941, acrescentaria que, se Hitler invadissem o inferno, ele faria uma moção de apoio ao diabo na Câmara dos Comuns...⁴ Se é certo que nazifilia e “indiferença” existiam nos círculos de poder britânicos da época (embora, para muitos, principalmente como *subprodutos* do anticomunismo vigente), Guterman erra ao transformar isso – mais de 60 anos depois – em chave de entendimento do caso Harry. Afinal, a História só se repete como farsa...

Mais esclarecedor será voltar o nosso olhar e a nossa escuta às crises, tragédia, expectativas, cobranças e falta de privacidade que marcam a vida de Harry e que restam inassimiladas por ele. Ór-

fão de mãe em trágicas circunstâncias, inferiorizado pela primogenitura do irmão, vítima de insinuações de bastardia por sua semelhança com o amante de Diana, tudo isso deve conduzir Harry a dúvidas dilacerantes sobre o seu lugar na família, na sociedade e na vida. Tudo isso sugere um quadro que poderíamos chamar de *atopia* do príncipe caçula.

Sua fantasia nazista questiona sua *condição de filho* e denuncia uma configuração desviante de sua identidade em face de notória precariedade simbólica parental. É curioso lembrar que Harry, na festa, vestia um uniforme do *Africa Korps*, divisão alemã comandada pelo lendário Rommel. O *Africa Korps* sofreria derrota decisiva em El Alamein (Egito, 1942) frente aos aliados liderados por Montgomery, que daí se tornaria um dos grandes ícones da História Militar Britânica. O excêntrico “Monty”, que usava roupas largas e uma famosa boina, bem que poderia ter inspirado uma fantasia para Harry, que quer seguir carreira militar. Ou quem sabe o próprio Churchill, com seu chapéu, charuto, bengala e algo em comum com Harry: o gosto pela bebida. Mas Harry preferiu o inimigo aos heróis nacionais, o invasor alemão aos salvadores compatriotas. O que sua fantasia revela, assim, é sua identificação com o *agressor*. Por trás da gafe, algo mais profundo e intenso torna-se vislumbrável: a *vingança* de Harry, através de sua *fantasia de ser como aqueles que tentaram destruir seu país*. Se a união de Charles e Diana fracassou de maneira fortemente traumática, um dos (des)caminhos que se insinuam a Harry parece ser o de reconstruir seu fundamento existencial de modo reativo. Em vez do *Nome-do-pai*, a suástica, com seu enlace rubro-negro de sangue e escuridão. No lugar do *significante*, o mito.

Hitler de alguma forma soube que para conquistar os corações e mentes dos alemães deveria reconstruir-lhes miti-

2 GUTERMAN, M. De novo a indiferença. *Folha de S. Paulo*, 14 de janeiro de 2005, Caderno A, p. 9.

3 LUKACS, J. *Churchill: visionário, estadista, historiador*, 2003, p. 125.

4 *Idem*, p. 21.

camente as origens, acenando-lhes com a sedutora fantasia de reintegração numa unidade perdida, mas recuperável. Hitler dizia que não poderia se casar, pois já era *casado* com a Alemanha. Só se casaria com Eva Braun horas antes de morrer. Nesse esquema perverso, o *Führer* se convertia em *Pai*, a Alemanha era desposada como *Mãe* e os cidadãos tornavam-se *Filhos*, restaurando-se imaginariamente um quadro unitário de gozo incestuoso, a partir do qual seria possível concretizar um destino de poder e glória, desde que destruído o *Inimigo*. É nesse integralismo *familiar* megalomaniaco – que recria delirantemente a história das próprias origens, recusando, assim, a ordem da *Cultura* e afirmando-se, *pela Natureza* e *para sempre*, como superior e onipotente – que povos ou indivíduos fragilizados vão buscar consolo, guarida e... fantasia. É nesse ovo que se engendra a serpente do caos.

Civilização ou Trevas? *Eros* ou *Tanatos*? Churchill soube genialmente antever – e esse foi talvez seu maior legado – que com o nazismo não há termo de conciliação possível. Daí sua oposição feroz a Chamberlain e ao apaziguamento. Daí seu repúdio aos acenos nazistas de negociação no primeiro ano de guerra. Por isso Hitler lhe depositou ódio até o final. Churchill sabia que muito além de domínios territoriais era o próprio destino da Razão e da Liberdade que estava em jogo. “A Inglaterra luta *por* si só mas não *para* si só.”⁵ “Se Hitler vencer e nós sucumbirmos, então o mundo inteiro, inclusive os Estados Unidos, inclusive tudo o que conhecemos e apreciamos, submergirá no abismo de uma Nova Idade das Trevas, ainda mais sinistra, e talvez mais prolongada, devido à deturpação das luzes da ciência.”⁶

Com o nazismo não se brinca e não se fantasia. Pois, para além das condições socioeconômicas que o favoreceram, ele sempre será a quintessência da psicopatologia ambicionando coletivizar-se e tornar-se poder absoluto. Se fantasiar, num certo sentido, significa colocar as identidades, a ordem e a realidade entre parênteses, de modo temporário e lúdico, para, no retorno a elas, se poder celebrar ainda mais vigorosamente a vida, fantasiar-se de nazista ou *embriagar-se* com o nazismo será sempre o flerte sombrio com a pulsão de morte. E se essa *fantasia* ocorre justamente numa figura de acentuada dimensão simbólica, que é a de um príncipe de um país marcado pelas palavras de Churchill – “jamais nos renderemos”⁷ –, só podemos pedir extrema atenção de todos: há algo de podre na família real britânica. \varnothing

Keywords

Nazism – Identification – Group psychology – Civilization – Death instinct

Abstract

The public indignation over Prince Harry's decision to wear a nazi uniform at a party leads the author to a psychoanalytical approach using the concepts of identification, group psychology, civilization and death instinct.

bibliografia

- GUTERMAN, Marcos. De novo a indiferença. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14 de janeiro de 2005, Caderno A, p. 9.
- LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956, p.461-495. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LUKACS, John. *Churchill: visionário, estadista, historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁷ “We shall never surrender”. Essas palavras constam do discurso radiofônico de Churchill pela BBC em 4 de junho de 1940: uma pungente conclamação à resistência que se tornaria mundialmente famosa.

⁵ LUKACS, J. Idem. p. 91.

⁶ LUKACS, J. Idem, p.20.

Enviado em maio de 2005, aceito em agosto de 2005

*Endereço do autor:
Rua Carangola, 152/501- Santo Antônio
30160-012 - Belo Horizonte - MG
Tel.: (31) 3344-7467*